



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

**ANTÔNIO NILTON GOMES DOS SANTOS
TEREZINHA GOMES DOS SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO INDÍGENA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA KANINDÉ**

FORTALEZA - CE

2016

ANTÔNIO NILTON GOMES DOS SANTOS
TEREZINHA GOMES DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO INDÍGENA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA KANINDÉ

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e Anacé – LII PITAKAJÁ da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do Nível Superior em Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, História, Matemática e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento.

FORTALEZA- CE

2016

ANTÔNIO NILTON GOMES DOS SANTOS
TEREZINHA GOMES DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO INDÍGENA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA KANINDÉ

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e Anacé – LII PITAKAJÁ da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do Nível Superior em Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, História, Matemática e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento.

Aprovada em ____/____/ 2016.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento (orientadora)
(Universidade Federal do Ceará – *Campus* Sobral)

Profa. Pós Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes (UFC)

MS. Bruna Clezia Madeira Neri- UFRGS

À DEUS.

Aos nossos Pais, Cicero Pereira e Maria
Zenilma Gomes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente as nossas famílias, de modo especial aos nossos pais, nossos irmãos, tios e sobrinhos que sempre estiveram presentes em nossas vidas, principalmente na nossa caminhada acadêmica, nos apoiando e dando força para continuarmos firme, portanto seria impossível chegar até aqui sem a contribuição dessas pessoas.

Às nossas lideranças tradicionais aos quais nos contemplam a cada dia com muito mais forças e garra diante de sua grande sabedoria e fazemos questão de citar os nomes de algumas delas como: Pajé Maciel, Cacique Sotero, Cícero Pereira, Senhor Bernardo, Valdo Teodósio, José Maciel, José Clovis e muitas tantas outras que nos ensinam a vivenciar novas experiências e vivências de fortalecimento étnico e cultural.

Aos professores, aos coordenadores e alunos da escola indígena Manoel Francisco dos Santos;

Aos professores do curso de licenciatura intercultural indígena LII PITAKAJÁ, e em especial a orientadora Denise;

A todos os alunos do LII PITAKAJÁ, onde foi possível aprender muito com cada troca de vivências e experiência;

Enfim, a toda a Comunidade Indígena Kanindé.

Ensinar é acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo e que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a vida em profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação – mas por uma contemplação poética, afetuosa e participante.

Cecília Meirelles

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre o desenvolvimento da criança Kanindé, que tem como título *A importância do ensino indígena para o desenvolvimento da criança kanindé*, apontando a importância da educação indígena e da educação escolar indígena no desenvolvimento da criança kanindé. Tem como objetivo compreender o processo do ensino da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e das vivências na aldeia que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento da criança Kanindé. A pesquisa foi desenvolvida com base em alguns aportes teóricos e principalmente em três estudiosos sobre o tema: Wallon, Piaget e Vygotsky, juntamente com a pesquisa de campo na aldeia. A metodologia utilizada possui uma abordagem qualitativa que se realizou através de entrevistas e levantamentos bibliográficos. Portanto, os relatos aqui apresentados contribuem para a formação de professores, para as comunidades indígenas e para os pesquisadores e novas pesquisas sobre o assunto.

Palavras – chave: Desenvolvimento, Ensino, Criança.

ABSTRACT

This work entitle The importance of indigenous education for child development Kanindé is a study on the development of Kanindé child, emphasizing the importance of indigenous education and indigenous education for Kanindé's children development. It aims to understand the process of teaching in the Indigenous School Manoel Francisco dos Santos and some community experiences in the village that contributes to the Kanindé's child development of knowledge. The research was developed based on some theoretical contributions and mainly on three scholars that are experts on the subject: Wallon, Piaget and Vygotsky. It also included a field research in the village. The methodology has a qualitative approach using interviews and literature surveys. Finnaly, the report presented here contributes to the training of teachers for the indigenous communities and for researchers that intend to do new researchs on the subject.

Key - words: Development, Education, Child.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PERCURSO HISTÓRICO DO POVO INDÍGENA.....	11
1.1 A Educação diferenciada: Fundamentação teórica	13
1.2 Breve histórico indígena Kanindé	15
1.3 Breve histórico da educação indígena do Povo Kanindé.....	18
2. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: DIFERENTES OLHARES	22
2.1 Teoria do desenvolvimento de Jean Piaget.....	22
2.2 Teoria do desenvolvimento de Henry Wallon	24
2.3 Teoria do desenvolvimento de Lev S. Vygotsky	25
3. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E O OLHAR DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA KANINDÉ	26
3.1 O desenvolvimento da criança e o olhar dos educadores Kanindé.	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Considerando que o ensino nas comunidades indígenas ainda é pouco pesquisado, é de fundamental importância uma análise sobre os modos de educar e como esses modos interferem no desenvolvimento da criança indígena.

A escolha pelo tema “A IMPORTÂNCIA DO ENSINO INDÍGENA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA KANINDÉ” deve-se às nossas vivências e relaciona-se com o trabalho que temos desenvolvido com os alunos na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Está implicada aqui nossa condição como educadores e, principalmente, a condição de sermos descendentes indígenas moradores da comunidade indígena Fernandes. Localizamo-nos no Sítio Fernandes – Aratuba – CE. Esse lugar que ocupamos de sermos índios e professores nos levou a querer entender até que ponto contribuimos para o desenvolvimento da criança Kanindé, considerando que o entorno da criança a faz e é feito por ela. Deste modo, partimos do pressuposto que o ensino na escola Indígena Kanindé baseado na tradição do nosso povo contribui para o desenvolvimento cultural e intelectual da criança Kanindé, de modo que o papel do professor é fundamental para essa formação.

Esta monografia tem como objetivo geral compreender como o processo do ensino da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos contribui para o desenvolvimento da criança. Para dar suporte a este, temos como objetivos específicos: 1 - Conhecer os modos de educar a criança indígena segundo os líderes do povo kanindé; 2 - Compreender o desenvolvimento cognitivo das crianças através de teorias da Psicologia do Desenvolvimento; 3 - Perceber aproximações entre a teoria e a vivência dos professores da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos que se baseiam nas tradições.

Foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa, na qual buscamos respostas às questões particulares. Este tipo de pesquisa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. Segundo Minayo,

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produções das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2014, p.57)

Uma das técnicas utilizadas em campo foi a entrevista semiestruturada, que se aproxima mais de uma conversação (diálogo), com o auxílio do roteiro de entrevista aberta. Para Minayo (2014, p. 190) esta técnica é aparentemente mais simples de preparar, pois pouco exige quanto à lista de temas por parte do investigador, o instrumento da entrevista aberta é a descrição sucinta, breve, e ao mesmo tempo abrangente, pelo entrevistador, do objeto da investigação, orientando os rumos da fala do interlocutor.

Entramos em campo fazendo uma observação participante. De acordo com Minayo (2014, p. 162), a investigação participativa inclui pessoas leigas, representativas de situações a serem transformadas, de forma orgânica à produção do conhecimento sobre tais situações, sem necessariamente estar vinculada a uma ação direta. No entanto o pesquisador deve trabalhar de tal forma que a própria seleção do problema de investigação brote da discussão entre especialista e população, e é possível compreender, por esta via, como estamos implicados diretamente no processo, pois somos indígenas pertencentes ao povo estudado e moramos na comunidade pesquisada por nós próprios. Nesta pesquisa de campo, utilizamos como registro o diário de campo para documentar todas as entrevistas realizadas.

Utilizamos entrevistas abertas com lideranças e com professores indígenas, as informações foram coletadas na aldeia Fernandes, município de Aratuba. Para Minayo (2014), a entrevista aberta é mais simples de preparar, seu instrumento é a descrição sucinta, breve, mas ao mesmo tempo abrangente.

A pergunta ponto de partida na pesquisa de campo foi *“Como a educação indígena e educação escolar indígena contribuem para o desenvolvimento da criança kanindé?”* Portanto, através das observações feitas em campo e das falas dos entrevistados, montamos a organização dos dados, após isso construímos a análise e as interpretações dos dados pesquisados. Finalizamos a pesquisa fazendo comparações com as teorias da Psicologia, principalmente as teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget.

Utilizamos algumas referências bibliográficas, como Gomes (2012), onde faz uma abordagem histórica dos Kanindés, Santos (2013) em que fala da importância da educação indígena nas comunidades e Macedo (2000) em que enfatiza nos novos programas de alfabetização, entre outras fundamentações teóricas. Também utilizamos informações referentes às nossas observações de campo e vivências, pois como fazemos parte do corpo docente da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos tivemos a facilidade de aproximação com educadores da mesma. E a dificuldade de sermos sujeitos e objeto da pesquisa.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo trazemos um breve histórico dos povos indígenas do Brasil, do povo Kanindé e da educação escolar Kanindé, descrevendo seus modo de vida, cosmologia, resistências e a organização social, destacando sua importância na educação no processo de busca de conhecimento. No segundo capítulo descrevemos diferentes olhares de teóricos utilizados na Psicologia do Desenvolvimento. Já no terceiro, apresentamos o olhar dos guardiões da memória kanindé e professores Kanindé em relação ao desenvolvimento da criança Kanindé, tanto na aldeia como também no ambiente escolar. Ainda nesse capítulo, apontamos as aproximações da teoria com as tradições dos Kanindé no que concerne à educação da criança.

1. PERCURSO HISTÓRICO DO POVO INDÍGENA

A história dos índios em territórios brasileiros aconteceu bem antes dos europeus chegarem ao Brasil. Os mesmos já habitavam essas terras e eram organizados por aldeias. Segundo Sousa:

A presença dos índios no território brasileiro é muito anterior ao processo de ocupação estabelecido pelos exploradores europeus que aportaram em nossas terras. Segundo os dados presentes em algumas estimativas, a população indígena brasileira variava entre três e cinco milhões de habitantes. Entre essa vasta população, observamos o desenvolvimento de civilizações heterogêneas entre as quais podemos citar os xavantes, caraíbas, tupis, jês e guaranis. (SOUSA, 2015¹).

¹ Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/indios-brasil.htm>>. Acesso em 24 de dezembro de 2015. SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Índios no Brasil**"; Brasil Escola.

Ressaltamos a importância no que o autor nos trás, portanto trazemos novamente que os índios já se encontravam no Brasil quando os europeus chegaram e que já havia entre três e cinco milhões de índios habitando terras brasileiras, entres estes xavantes, caraíbas, tupis, jês e guaranis.

Os mesmos eram organizados por aldeias e não tinham um líder específico que pudesse considerar estatal, embora respeitassem muito os mais velhos e os religiosos, os mesmos se dividiam nas realizações das atividades diárias das aldeias, pescas e produção agrícola. Os tupis passaram a organizar essas tarefas para o próprio sustento.

Os índios tinham um universo de crenças que girava em torno de vários aspectos que explicavam os fenômenos que ocorriam nas aldeias:

No campo religioso, alguns desses povos acreditavam na existência dos espíritos, na reencarnação dos seus antepassados e na compreensão dos fenômenos naturais como divindades. Em diversas situações, esse corolário de crenças era fonte de explicação para a origem do mundo ou a ocorrência de algum evento significativo. Em alguns casos, os índios praticavam a antropofagia como um importante ritual em que os guerreiros da tribo absorviam a força e as habilidades dos inimigos capturados. (SOUSA,2015).

De fato, o percurso histórico dos indígenas tem uma origem distante que segue até os dias atuais, passou por diversos momentos de aprendizagem, de mudanças, diversas lutas, perseguições, reconhecimento e outros.

Historicamente, a situação dos índios variou entre quadros de completo abandono, perseguição e miséria. Até meados da segunda metade do século XX, alguns especialistas no assunto acreditavam que a presença dos índios chegaria a um fim. Contudo, estipulados em uma população de aproximadamente um milhão de indivíduos, os indígenas hoje buscam o reconhecimento de seus direitos pelo Estado e ainda sofrem grandes obstáculos no exercício de sua autonomia. (SOUSA, 2015).

Sousa traz relatos de como foi ficando a história dos índios, de como os índios foram sendo retirados de suas terras, a ponto de diminuir consideravelmente o número deles. Mostra ainda como precisamos ficar atentos a essa realidade, por que não se trata aqui de um fato isolado, mas da história dos indígenas que foram os primeiros habitantes do Brasil.

A educação é dos pilares de grande relevância para a formação intelectual das pessoas, e, logo, no que tange a população indígena, não pode ser diferente. Nossa educação está diretamente associada à luta pela terra, sendo que para os indígenas a terra por si é de grande importância principalmente se

considerarmos que a educação só é possível se a conquista da terra se efetivar, posto que a terra garante o lugar da escola, bem como nosso método educacional implica necessariamente o contato com a natureza.

A terra para nós é uma das principais fontes de estudo e de luta, pois a educação diferenciada que temos valoriza a cultura, crenças, valores, e principalmente os conhecimentos tradicionais. Além do respeito que temos pela terra, por ser fonte de conhecimento, de alimentação, consideramo-la como sendo muito importante no processo de educação. A terra cumpre um papel fundamental, pois é através dela que adquirimos muitos conhecimentos antes, durante e depois de irmos à escola.

A terra é muito importante, porque é dela que sobrevivemos, ela produz tudo, a natureza, a caça, as madeiras enfim dependemos dela no nosso dia a dia. Nós sem a terra não somos nada, pois é sagrada, nossa mãe, ela cuida de nós e depois que morremos voltamos para ela de novamente. (CICERO PEREIRA – LIDERANÇA TRADICIONAL KANINDÉ)

Portanto, concluímos que todas as lutas sociais existentes nas aldeias indígenas, como a luta pela saúde, educação e outras modalidades, todas elas estão interligadas à luta pela terra, uma vez que a terra é sagrada para o índio.

1.1 A Educação diferenciada: Fundamentação teórica

Durante muitos anos, os índios veem perdendo seu espaço tanto geográfico como cultural, e a educação indígena é um meio para que a cultura dos povos permaneça viva e para que sua identidade não se apague.

No Brasil, como em outros países, as minorias étnicas viveram importantes processos de lutas políticas que levaram os Estados ao reconhecimento de direitos relacionados à preservação de suas culturas e dos seus conhecimentos.

Portanto, partindo da necessidade de ter uma educação diferenciada para indígenas, na qual nossa cultura seja defendida e referenciada, baseada em valores e conhecimentos adquiridos por nós mesmos ao longo do tempo, nossos parentes foram em busca desse direito que lhes é garantido.

É de particular importância o fato da Constituição Federal ter assegurado o direito das sociedades indígenas a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, o que vem sendo regulamentado através de vários textos legais. Só desta forma se poderá assegurar não apenas sua sobrevivência física, mas também étnica, resgatando a dívida social que

o Brasil acumulou em relação aos habitantes originais do território. (O GOVERNO BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA²)

Os anos 1970 são marcados por um movimento de luta pela demarcação das terras indígenas e pelo reconhecimento e preservação das diferenças étnicas. Com isso o movimento indígena possibilitou um diálogo para criação de escolas indígenas, uma educação diferente para os índios, valorizando o saber cultural, portanto a educação diferenciada é uma educação diferente, que preserva os saberes da aldeia.

Assim, com esse direito garantido por lei na constituição, se tem assegurado um ensino diferenciado e com qualidade pelo qual nós podemos valorizar o aprendizado que já existe na cultura de nosso povo, aproveitando os conhecimentos já adquiridos ao longo dos anos por gerações.

Entretanto, é de suma importância lembrar que mesmo com esses direitos garantidos por lei na Constituição, as escolas indígenas ainda sofrem com as regras que interferem na educação escolar indígena, principalmente pelas Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação (CREDES)³. Apesar disso, os educadores e as comunidades indígenas tem lutado para mudar esse cenário. Segundo Macedo:

Os novos programas de alfabetização devem fundamentar-se amplamente na ideia de alfabetização emancipadora, segundo a qual a alfabetização é encarada como um dos veículos mais importantes pelos quais o povo "oprimido" é capaz de participar da transformação sócio histórica de sua sociedade. (MACEDO, 2000, p.96.)

Para Macedo, esses programas de alfabetização devem ser emancipatórios, possibilitando que cada sujeito possa expressar seus ideais e tornar-se parte do processo de construção da sociedade. A educação indígena é voltada para este fim, em que os alunos indígenas possam ter consciência crítica,

² Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/gbeei.pdf>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

³ Atuando diretamente com cada escola e sendo responsável pela aplicação da maioria das ações desenvolvidas pela Seduc está o Órgão de Execução Regional, as chamadas Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação (Credes). Divididas em 20 coordenadorias, os Credes são responsáveis pelas escolas estaduais de todo o Ceará e, com seus núcleos, age diretamente com os professores, coordenadores e demais atores da educação do estado em atividades nas unidades de ensino.

formação e, principalmente, que sejam seres que buscam seus ideais. Semelhante ao pensamento de Macedo é o de Santos:

A realidade de uma comunidade, os problemas sociais, as questões políticas e culturais são exemplos de temáticas que trazem apontamentos para um trabalho que busque um processo formativo mais humano e reflexivo. (SANTOS 2013, p.31)

Percebemos, assim, a educação indígena como capaz de preparar as crianças para o posicionamento crítico e contribuir para o seu desenvolvimento. É importante destacar que, no que concerne à educação escolar indígena, é essencial que sua existência seja presente nas comunidades indígenas tanto geograficamente e culturalmente, pois ela garante o fortalecimento da identidade indígena, bem como mantém viva a cultura nas aldeias.

1.2 Breve histórico indígena Kanindé

Com a expulsão dos holandeses⁴ (1654), generalizaram-se as disputas, entre invasores e povos indígenas, pela posse da terra na capitania do Siará-Grande, principalmente por conta da concessão de sesmarias nas ribeiras dos rios Jaguaribe, Acaraú e seus afluentes. Esta série de conflitos ocorridos nos sertões, atualmente conhecido como “Guerra dos Bárbaros”, durou aproximadamente até a segunda década do século XVIII. A fundação dos aldeamentos missionários ocorreu a partir da década de 1660, no Ceará. Nestes espaços, passaram por um primeiro processo de territorialização as populações indígenas provindas de sucessivas guerras e migrações forçadas, construindo nestes lugares, naquele contexto, uma opção para a sobrevivência física. A transformação dos aldeamentos em vilas de índios, após a expulsão dos jesuítas (1759), e a imposição de drásticas medidas oriundas da legislação preconizada pelo Diretório Pombalino (1758), aceleraram as profundas transformações que já vinham ocorrendo entre os povos indígenas que habitavam o Siará-Grande.

⁴ Os holandeses ocuparam a capitania do Siará-Grande por duas vezes: entre 1637 e 1644 e entre 1649 e 1654, na esteira da ocupação no Brasil colonial (1630-1654), sendo expulsos por grupos indígenas locais em todas elas, por motivações distintas (Gomes, 2009a).

Importantes notícias históricas sobre os Kanindé são fornecidas no estudo de Carlos Studart Filho, intitulado “Os aborígenes do Ceará”, parte 2 (Revista do Instituto do Ceará, 1963, p. 195-99), no qual sugere uma trajetória para o grupo, entre 1699 e 1764. Junto aos seus parentes Jenipapo, os Kanindé (designa-os como Canindé), participaram de diversas ações de ataque a povoações e vilas, na primeira metade do século XVIII, no Ceará.

Os Kanindé participaram ativamente do grande levante de 1713, que sacudiu a capitania do Ceará, quando a vila de Aquiraz foi destruída, entre outras povoações, em ação feita aliando-se organizadamente aos Jenipapo, Paiacu e outros grupos. Apesar da anistia dada pelo governador de Pernambuco, por conta deste ato, desde então foram combatidos com mais veemência. Em 1721, é registrado um grande massacre contra eles, por ordem do capitão-mor Salvador Aires da Silva, no interior de uma igreja na aldeia de São João, num local chamado Boqueirão, onde assistia o padre Antônio Caldas Lobato, que denunciara tal atitude ao rei de Portugal, em 1722 (STUDART FILHO, 1963, p.196).

Studart Filho confirma que, no início do século XVIII, habitavam os Kanindé nas cabeceiras do rio Curu e nas ribeiras dos rios Quixeramobim e Banabuiú, próximos aos Jenipapo, ambos parentes (subentende-se que descendentes) dos Janduíns, portanto, segundo ele, Tarairiús. Relata que uma parte dos Kanindé foi reunida aos Sucuru (que era o nome de uma aldeia chefiada pelo chefe Canindé) para formar a aldeia de Boa Vista, em Mamanguape, na Paraíba. Os Tarairiús foram um dos grupos designados genericamente de “tapuias” em boa parte da documentação colonial de origem portuguesa. Por outro lado, há importantes informações acerca dos grupos Tarairiú entre fontes de origem holandesa durante o período em que ocuparam uma vasta área do Brasil colonial (1630-1654), a quem se aliaram em algumas ocasiões.

Para Gomes (2012, pg. 80) vestígios da trajetória histórica da nação Kanindé permitem acompanhar interações e contatos realizados no território da capitania do Siará no século XVIII. Essa nação interagiu com diferentes frentes de conquista. As datas de sesmarias e sua distribuição permitem-nos acompanhar o processo de invasão por dois caminhos, principalmente. Para a chegada na região de Canindé, através da serra de Baturité; e para a ocupação do sertão de

Quixeramobim, pelos rios Jaguaribe e Banabuiú. Nesta confluência de frentes colonizadoras, os Kanindé se deslocaram, territorializaram e migraram até chegarem em Baturité, em 1764.

Canindé (...) era o principal dos chamados janduí, que haviam sido governados no tempo dos holandeses pelo “Rei Janduí” e havia realmente feito guerra contra os portugueses por longos anos. Em 1692, porém, Canindé acabaria por se render e firmar um acordo de paz, indo morrer com os seus em um aldeamento jesuíta, Guaraíras, futura vila de Arez. Esse janduí eram chamados, por vezes, de canindés (PUNTONI, 2002, p.86).

A trajetória dos Kanindé se deu por lutas camponesas, mobilizações étnicas e conflitos fundiários. Um povo resistente, que nesse espaço de quase 200 anos, com muitas resistências fugindo das perseguições e secas conseguiram se estabelecer com sua cultura viva.

No ano de 1995, Cicero Pereira e Cacique Sotero, lideranças do povo Kanindé foram convidados para a 2ª Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará em Maracanaú, segundo a fala do nosso povo foi um momento simbólico para o início do processo de identificação para o povo kanindé.

CARTA CONVITE - II ASSEMBLÉIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ Pitaguary, Genipapo-Canidé, Kariri, Tapeba, Tabajara, Tremembé, Potiguara de Monte Nebo, Tremembé e outros. Queremos convidar vocês para se fazer presente na II Assembleia Indígena no dias 27 e 28 de Outubro deste ano de 95, na cidade de Maracanaú. Depois da bonita experiência que tivemos em Poranga, de onde falamos de nós mesmo e do profundo conhecimento que tivemos uns dos outros, das nossas histórias, de nosso medo, da nossa coragem e força, é que resolvemos novamente voltar a se encontrar e ver o que mudou. (...). Nossa Assembleia será na serra do Pitaguary, o lugar é muito bonito, tem muito de nós, é nossa terra, nosso chão.

Ao retornarem a aldeia, as lideranças que foram à assembleia convocaram uma reunião e nela contaram os acontecimentos do evento. A partir desse movimento o povo teve coragem de falar sua verdadeira identidade, pois com o preconceito e as perseguições existentes naqueles anos, o povo kanindé tinha medo de expor suas raízes e principalmente o fato de que eram indígenas, mas com a organização e a coletividade da aldeia o povo teve coragem de reafirmar sua identidade diante a sociedade.

Atualmente, o povo kanindé está dividido em três aldeias: uma em Gameleira, no município de Canindé e as outras duas no município de Aratuba nas Comunidades Fernandes e Balança. A população do povo kanindé estima-se aproximadamente em 1300 indígenas.

A busca incessante pelo reconhecimento de direitos, entre os quais o principal é a terra, fez com que o povo Kanindé incorporasse novos instrumentos de luta, que pudessem permear os entremeios das forças políticas dominantes e que viabilizassem um maior protagonismo nas teias complexas das relações de poder, no sentido de serem contemplados com políticas de respeito às diferenças culturais e de reconhecimento de direitos. Deste modo a educação escolar passou a ser encarada como uma política pública, como um direito à cidadania, além de um instrumento de resistência e luta dos povos indígenas.

1.3 Breve histórico da educação indígena do Povo Kanindé

A escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, fundada em setembro de 1999, está localizada na aldeia Sítio Fernandes, zona rural do município de Aratuba estado do Ceará. Ela representa a realização de um sonho que demandou muita luta, resistência e perseverança das lideranças indígenas kanindé que sempre acreditaram numa educação específica como meio importante para o fortalecimento da identidade e qualidade social do povo indígena kanindé.

A escola Manoel Francisco dos Santos surgiu de uma demanda do povo indígena kanindé, que visava reforçar o movimento organizacional político por uma educação diferenciada para o povo e a luta pela terra. Esse movimento data desde 1999 quando é discutida a proposta dos índios kanindé de reivindicar os direitos a uma educação diferenciada para suprir as necessidades do povo, que tinha como principais focos:

- a) Dar continuidade à cultura do povo.
- b) Alfabetizar e fazer com que todos conheçam a história da comunidade indígena e suas origens.
- c) Ofertar acesso à educação na própria comunidade sem a obrigatoriedade de sair da cidade para se preparar para o futuro.

O início da educação para o povo indígena kanindé foi muito difícil, principalmente por que foi marcado por um intenso processo de lutas e resistência. Lutas contra as invasões em seu território tradicional, que, a todo custo, queriam tomar a terra e acabar com seus processos culturais, educacionais e principalmente

surgiam contra as tentativas da negação da identidade em nos aceitarem como indígenas kanindé.

Foi partindo de todo esse processo que nosso povo buscou implantar a sua formação educacional diferenciada e específica para suprir nossas necessidades criando uma “escola do nosso jeito”. Desse modo, buscávamos e ainda buscamos amenizar o grande preconceito que assola a comunidade. O preconceito vinha de outros segmentos da sociedade envolvida, mas também havia muito no interior da própria comunidade.

Terezinha Barrozo é considerada por todos uma pessoa guerreira e batalhadora que lutou até o fim de sua vida para que houvesse uma educação escolar indígena kanindé dentro da comunidade, e juntamente com outras lideranças que se tornaram professores como: Suzenilton Santos, Valdelia Gomes, Nelma Batista, Elenilson Gomes e Suzenilson Santos. Eles lutaram por uma formação de professores para que a educação escolar indígena do povo kanindé se tornasse realmente uma educação escolar de qualidade. Outras lideranças importantes também puderam participar desse movimento em torno da educação escolar do povo Kanindé, tais como: Cacique Sotero, Cicero Pereira, Pajé Maciel, José Maciel, José Francisco.

No início de 1998, foram criadas duas salas de aula, onde estudavam as turmas de jovens e adultos e um aspecto interessante era que esses espaços físicos e educacionais funcionavam em casas de famílias em pequenos cômodos que serviam para que o aluno pudesse aprender. Com a organização do povo indígena kanindé os alunos foram aumentando e as salas de aula também. A comunidade ainda não contava com um espaço físico adequado, foi preciso dividir os alunos jovens e adultos justamente nas casas de famílias que tinham um espaço maior para recebê-los. Através de uma diferenciação elaborada pela comunidade indígena kanindé para atender essas necessidades nasceram: a Escola de Ensino Fundamental e Médio Fernandes de Cima, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Fernandes de Baixo e Escola Manoel Francisco dos Santos.

Através do crescimento educacional do povo kanindé, foram criadas duas salas de aula com crianças na faixa etária de seis a dez anos de idade e como não havia um espaço físico adequado para atender os alunos, resolveram então procurar

o secretário de educação do município de Aratuba para marcarem uma reunião na comunidade, pois “queríamos ocupar um grupo escolar que havia sido construído pela própria comunidade” (Cacique Sotero). O secretário aceitou o convite e trouxe com ele também a diretora da CREDE 08 de Baturité, estando nessa mesma reunião os dois professores escolhidos pela comunidade, Suzenilson Santos e Elenilson Gomes, conjuntamente as lideranças tradicionais: Pajé Maciel, Cacique Sotero, Cicero Pereira, José Clovis, José Maciel, Senhor Bernardo, além também de outros professores indígenas kanindé: Valdelia Gomes, Tereza Barroso e Suzenilton Santos.

Sofríamos preconceito por parte de alguns funcionários da escola municipal que não aceitavam a ideia de estarmos ocupando um espaço que por direito já era nosso, mais isso só fortalecia a nossa luta, criávamos mais coragem para lutar por nossos direitos e buscamos juntos aos órgãos competentes que fossemos, pois as lideranças que tomar essa atitude para que fosse aceita a ideia de ocupar o espaço escolar. (CACIQUE SOTERO).

Após muitos anos de luta por uma educação escolar específica e de qualidade para o povo, no ano de 2005 foi dado um passo importante para a construção de um novo prédio que foi inaugurado oficialmente no dia 05 de agosto de 2005. Este é uma instituição indígena pertencente à rede estadual de ensino mantida pelo governo do estado do Ceará e subordinada técnica e administrativamente à secretaria de educação básica – SEDUC, sob a jurisdição da oitava coordenadoria de desenvolvimento da educação – 8ª CREDE – Baturité um prédio com dois andares (“duplex”), com amplas salas mobiliadas e com estrutura para receber mais do que os 66 alunos do ensino fundamental de primeira à quarta série e os 78 alunos do projeto de educação de jovens e adultos (EJA) na época, com uma sala específica para iniciação em informática e as demais compondo a unidade escolar: cantina, sala de professores e diretoria, banheiros e um pátio. Este sonho transformado em realidade passou a gerar para o povo indígena kanindé novas visões e novos objetivos que passaram a ver a escola como um instrumento transformador e principalmente formador da educação das futuras gerações.

Atualmente, a escola Kanindé tem um total de 176 alunos matriculados, e um quadro de 24 funcionários. O povo kanindé não lutou apenas pelo direito à terra, mas também pela garantia e permanência de outros direitos, tais como a educação (não uma educação convencional mais uma educação voltada para a realidade e interesses do povo indígena e com qualidade). Segundo Nascimento:

A perspectiva da educação escolar dos índios, por sua vez, vem se caracterizando, influenciada pelos ideais do movimento indígenas pelo protagonismo dos índios em seus projetos e práticas educativas. Nessa perspectiva, a diferença emerge como categoria central da educação escolar voltada para estes grupos étnicos, pondo em relevo os interesses de cada comunidade no diálogo intercultural travado entre os parâmetros da educação nacional e suas práticas docentes. (NASCIMENTO, 2006, p.14).

Para Nascimento, a educação indígena vem se caracterizando de acordo com os interesses de cada grupo indígena e com as necessidades e perspectivas de cada comunidade, valorizando a educação e a cultura de seu povo, dentro dos parâmetros nacionais da educação. É importante lembrar que esses parâmetros às vezes se chocam e conflitam com a educação escolar indígena e para manter-se uma escola diferenciada é uma luta, principalmente dos educadores indígenas.

No Nordeste e no Brasil como um todo, a educação indígena busca a autoafirmação da identidade indígena, por essa razão faz-se necessária uma escola diferenciada que aborde os fatos de acordo com a realidade da comunidade e seu povo e dos interesses dos mesmos.

A recente trajetória histórica – cultural dos indígenas no Nordeste é caracterizada pela busca de afirmação de suas identidades étnicas. As ações dos diversos grupos estão voltadas, primordialmente, para o seu reconhecimento ou identificação frente à sociedade nacional. Assim a maioria de suas mobilizações, conseqüentemente, está voltada para ações de autoafirmação ou auto identificação. É nesse contexto de afirmação étnicas que emergem as discussões em torno de uma escola diferenciada, no âmbito da educação escolar indígena. Na organização de tal modelo de escola são enfatizadas as especificidades histórico-culturais desses grupos. (NASCIMENTO, 2006, p.31).

Com base nessa citação, podemos dizer que a escola é fundamental para a manutenção das tradições do nosso povo, bem como para inserir na comunidade novos conhecimentos que considerarmos necessários. Então, pensando a escola como um dos lugares que formarão o contexto da criança Kanindé, entendemos que os professores são atores de fundamental importância no processo. Uma vez que nós professores fomos e somos formados por nossas lideranças tradicionais, eles também estão implicados diretamente nesse processo. Antes de vermos como os professores atuam e como as lideranças percebem a educação da criança é importante conhecermos o olhar de uma área do conhecimento que muito tem a contribuir com nosso objeto de estudo: a Psicologia do Desenvolvimento.

2. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: DIFERENTES OLHARES

São muitos os estudos sobre a aprendizagem e desenvolvimento da criança e, especialmente, sobre a classificação das diferentes concepções de aprendizagem em diversas teorias, neste capítulo buscaremos fazer uma abordagem e ao mesmo tempo apresentar diferentes olhares de teóricos relacionados ao desenvolvimento de uma criança. Tivemos como ponto de partida as abordagens interacionistas de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, mostrando as contribuições a serem aproveitadas na área pedagógica. Esses autores partem do princípio de que é preciso compreender a ação da pessoa no processo da construção de conhecimento.

2.1 Teoria do desenvolvimento de Jean Piaget

Piaget especializou-se nos estudos do conhecimento humano, concluindo que, assim como os organismos vivos podem adaptar-se geneticamente a um novo meio, existe também uma relação evolutiva entre o sujeito e o seu meio, ou seja, a criança reconstrói suas ações e ideias quando se relaciona com novas experiências ambientais. Portanto, para ele, a criança constrói sua realidade como um ser humano particular, situação em que o cognitivo está em supremacia em relação ao social e o afetivo.

Na perspectiva construtivista de Piaget (1975), o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto.

Para Basso, Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, e isso é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. As formas de conhecer são construídas nas trocas com os objetos, tendo uma melhor organização em momentos sucessivos de adaptação ao objeto.

Segundo Piaget (1975), o conhecimento é a equilibração/reequilibração entre assimilação e acomodação, ou seja, entre os indivíduos e os objetos do mundo. Para Piaget, o desenvolvimento mental dá-se diretamente a partir de suas potencialidades e da sua interação com o meio. O processo de desenvolvimento mental é lento, ocorrendo por meio de graduações sucessivas através de estágios:

Estágio sensório-motor (até 02 anos)

Piaget afirma que nessa fase do desenvolvimento o campo da inteligência da criança aplica-se a situações e ações concretas. Trata-se do período em que há o desenvolvimento inicial das coordenações e relações de ordem entre ações. É também o período da diferenciação entre os objetos e o próprio corpo, portanto a criança é capaz de ver um objeto, pegá-lo e levá-lo a boca.

Para a anciã Maria Zenilma nesse período a criança começa a conhecer seus familiares, responde através do sorriso ou do choro. É também nesse período que a criança começa a imitar as pessoas e falar pequenas palavras. Conseqüentemente, o choro é a sua principal forma de comunicação.

Estágio da inteligência pré-operatória (dos 02 aos 07 anos)

De acordo com Goulart (2005), após o estágio sensório-motor, se apresenta o estágio pré-operatório, que corresponde à faixa etária de dois anos até aproximadamente sete anos de idade. É a fase em que as crianças reproduzem imagens mentais. Elas usam um pensamento intuitivo que se expressa numa linguagem comunicativa - mas *egocêntrica*, porque o pensamento delas está centrada nelas mesmas, portanto nesta fase a criança não relaciona as situações. Segundo Goulart (2005, p.55), a criança “tenta dar explicações a quem não está participando de uma situação como se estivesse explicando para si mesma”. Desta forma, podemos dizer que a socialização é pela metade.

Para Terezinha Santos, as crianças já conseguem falar muitas palavras e começam a chamar a atenção dos outros. Nesta fase o pai já começa a levar seus filhos para conhecer os roçados, a participar de rituais e ir para a escola. Consegue também já saber o que é certo e o que é errado e principalmente a respeitar os mais velhos e os líderes da aldeia.

Para Piaget o estágio operatório é um só, que pode ser percebido em duas fases, o operatório concreto e formal.

Operatória-concreta (dos 6/7 aos 11/12 anos)

Nessa fase as crianças são capazes de aceitar o ponto de vista do outro, levando em conta mais de uma perspectiva. Podem representar transformações, assim como situações estáticas. Têm capacidade de classificação, agrupamento,

reversibilidade e conseguem realizar atividades concretas, que não exigem abstração. Para a liderança e pai de seis filhos Cicero Pereira:

A criança nesta fase gosta muito de brincar com as outras crianças, e elas já estão mais calmas e obedientes, é a fase de ensinar mais a criança, de levar e ajudar o pai na roça, caçar e fazer armadilhas perto de casa. É o momento principal de transmitir os conhecimentos da aldeia para os filhos.

Segundo Coutinho (1992), no decorrer deste estágio (operatório concreto), o indivíduo adquire vários conhecimentos, como a capacidade de consolidar as conservações de número, ou as operações infralógicas que são referentes à conservação física: peso, volume e substância. A criança já não é mais tão egocêntrica, ou seja, não está mais tão centrada em si mesma e já consegue se colocar abstratamente no lugar do outro, dando-se um aumento da empatia com os sentimentos e as atitudes com os outros.

Operatório- formal (dos 11/12 até a vida adulta)

É a fase de transição para o modo adulto de pensar. É durante essa fase que se forma a capacidade de raciocinar sobre hipóteses e ideias abstratas. Nesse momento, a linguagem tem um papel fundamental, porque serve de suporte conceitual.

Para cacique Sotero, nesta fase a criança já consegue assemelhar, ou seja, compreender quase tudo, já desenvolve os trabalhos junto com os pais, caçar e trabalhar na agricultura. É capaz de fazer frente nos movimentos e ser líder de grupos na aldeia. É neste período que mostra interesse pela luta.

2.2 Teoria do desenvolvimento de Henry Wallon

A criança, para Wallon, é essencialmente emocional e gradualmente vai constituindo-se em um ser sócio cognitivo. O autor estudou a criança contextualizada, como uma realidade viva e total no conjunto de seus comportamentos, suas condições de existência.

Segundo Galvão (2000), Wallon argumenta que as trocas relacionais da criança com os outros são fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As crianças nascem imersas em um mundo cultural e simbólico, no qual ficarão envolvidas em um "sincretismo subjetivo", por pelo menos três anos. Durante esse período, de completa indiferenciação entre a criança e o ambiente humano, sua

compreensão das coisas dependerá dos outros, que darão às suas ações e movimentos o formato e a expressão.

Wallon propõe estágios de desenvolvimento, assim como Piaget, porém, ele não é favorável à ideia de que a criança cresce de maneira linear. O desenvolvimento humano tem momentos de crise, isto é, uma criança ou um adulto não são capazes de se desenvolver sem conflitos. A criança se desenvolve com seus conflitos internos e, para ele, cada estágio estabelece uma forma específica de interação com o outro, é um desenvolvimento conflituoso.

2.3 Teoria do desenvolvimento de Lev S. Vygotsky

Para Vygotsky, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelecem as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. Nas interações cotidianas, a mediação (necessária intervenção de outro entre duas coisas para que uma relação se estabeleça) com o adulto acontece espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas. Para Vygotsky,

O homem se produz na e pela linguagem, isto é, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito. A relação entre homem e mundo é uma relação mediada, na qual existem elementos que auxiliam a atividade humana. Estes elementos de mediação são os signos e os instrumentos. O trabalho humano, que une a natureza ao homem e cria, então, a cultura e a história do homem, desenvolve a atividade coletiva, as relações sociais e a utilização de instrumentos. Os instrumentos são utilizados pelo trabalhador, ampliando as possibilidades de transformar a natureza, sendo assim, um objeto social. (VYGOTSKY, 1987)

Conforme Vygotsky (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber e do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles. O autor explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da Zona de Desenvolvimento Proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um “espaço dinâmico” entre os problemas que uma criança pode resolver sozinha (nível de

desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial).

3. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E O OLHAR DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA KANINDÉ

As crianças indígenas kanindé, aprendem muita coisa com seus pais e parentes da aldeia, como os irmãos e os avós. A maior parte dos conhecimentos são transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais, como rituais e festejos da aldeia. É com a relação social da aldeia que ela começa a desenvolver seus aprendizados, principalmente pela observação e o convívio nas atividades desenvolvidas por homens e mulheres. Essas opiniões estão ligadas diretamente à educação escolar indígena, que acontece no contexto social em que se vive, dispensando o acesso à escrita e aos conhecimentos universais, pois cada povo indígena tem suas formas próprias e tradicionais de educar, caracterizadas pela transmissão oral do saber socialmente valorizado.

Na convivência com os mais velhos, aprende-se o jeito considerado certo (por nossos líderes) de se comportar e de se relacionar com todos da família e do grupo. Dessa forma, as crianças aprendem, por exemplo, quem são as pessoas que devem ser tratadas com “mais respeito”. Dessa maneira, vão entendendo qual a sua importância na comunidade e quais os papéis de cada um. Com esse convívio e observações, as crianças aprendem os modos de agir, os princípios e tudo aquilo que é importante para que se tornem pessoas produtivas e participativas. Para isso, é muito importante estarem sempre atentas aos trabalhos diários e ao aprendizado e transmissão de conhecimentos. Como nos mostra Vygotsky, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que se estabelecem as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros, o convívio é indispensável para o desenvolvimento da criança e principalmente o espaço social.

A fala do líder Cícero nos aponta como o olhar do autor contribui para que entendamos o papel da educação indígena para o desenvolvimento da criança.

A criança tem que ir aprendendo e exercendo, não é só mandar ele tem de fazer, tem que cumprir e obedecer ao pai. E o pai tem que sair mostrando as coisas de hoje e de antes, mostrar os conhecimentos da aldeia e as

coisa da natureza, a partir de seis anos o pai tem que ensinar, tem que está no mato mostrando uma raiz, mostrando um pé de pau, mostrando pra que serve alguns alimentos. Com isso acostumamos nossos filhos na natureza e na aldeia, pois todos que vive nesse mundo têm que viver com a natureza e os conhecimentos das pessoas mais experientes. Com essa vivencia na aldeia a criança se desenvolve culturalmente e socialmente. (CICERO PEREIRA - LIDERANÇA KANINDÉ)

A educação indígena, portanto, começa, segundo Dona Zenilma antes da entrada das crianças na escola, através do convívio e as vivencias na aldeia. Mas os mesmos sabem da importância da educação escolar indígena e não diminuem esta, pois compreendem que a escola também é um espaço de formação do saber enquanto sujeitos que somos.

A primeira escola deve ser de casa, ensinar tudo aquilo a ele principalmente pra depois mais tarde ficar grande repassar os mesmos conhecimentos pro seus filhos. (MARIA ZENILMA 05/02/2016).

A partir da fala de dona Zenilma percebemos que os conhecimentos não são repassados somente na escola, mas em toda a aldeia. Outra peculiaridade percebida é que a escola não é só um prédio com aluno e professor, mas toda a aldeia com os ensinamentos dos mais velhos e em todos os ambientes da comunidade. Para a liderança tradicional Zé Maciel

Aos poucos, as crianças aprendem os modos de agir na aldeia, com os ensinamentos dos pais começa a se desenvolver, e a partir desses ensinamentos começa as e tornar pessoas coletivas e participativas. Para isso é muito importante estarem sempre atentas aos trabalhos do dia a dia e observando a transmissão dos conhecimentos dos mais velhos. (JOSÉ CONSTANTINO – ZÉ MACIEL, 20/03/2016).

Neste depoimento visualizamos a importância dos mais velhos na transmissão dos conhecimentos, pois é através da observação e da vivência que a criança se desenvolve, tanto socialmente como também culturalmente. Vygotsky afirma que é na relação social do “eu” com o “outro” que ocorre o desenvolvimento, e é na interação com o meio social que se dá a aprendizagem. O processo de interação social é a comunicação humana, pois é no compartilhamento entre vários grupos que se criam novos pensamentos e com isso, novas aprendizagens. Portanto, pode-se dizer que a interação social é importantíssima para a aprendizagem e desenvolvimento intelectual da criança indígena.

Vygotsky também ressalta o valor do meio cultural e das relações entre indivíduos no processo de desenvolvimento da pessoa, apontando a herança cultural. A interação da criança com o meio social e com sua cultura gera relações

de aprendizagem e desenvolvimento, uma vez que as características do ser humano não nascem com o indivíduo, mas sim na interação do homem com o seu meio sociocultural, o ser humano transforma o seu meio e transforma-se a si mesmo.

Deste modo, os pais introduzem as crianças na sua cultura, dando significado às tradições culturais que se formam ao longo dos tempos, momento de repassar os conhecimentos e tradições herdadas por seus ancestrais.

3.1 Desenvolvimento da criança e o olhar dos educadores Kanindé

Neste subtema abordaremos o olhar dos educadores indígenas Kanindé relacionado ao desenvolvimento da criança indígena kanindé, e ao mesmo tempo interligar com autores que teorizaram o desenvolvimento da criança.

A educação indígena é de suma importância para o desenvolvimento da criança, pois as crianças desde pequenas aprendem com convívio familiar, tudo o que as famílias têm a repassar sejam costumes do povo ou aprendizado adquiridos, pois tudo o que se aprende no convívio é proveitoso, pois são ensinamentos que passam de pai para filho. (CARLIANE VIEIRA – PROFESSORA KANINDÉ. 02/02/2016).

Os educadores Kanindé tem em seu consciente que a criança ao vir para a escola já traz muitos aprendizados, estes repassados através da oralidade e do convívio com sua família. A escola é um local de aprendizado sim, mas também de conservar esses aprendizados que as crianças já trazem em si.

Os índios Kanindé entendem que a educação dada pelos familiares é importante, mas compreendem o papel da escola na formação dos filhos e para isso os mesmos sabem o que significa cada tipo de aprendizagem. Segundo Gonçalves e Mello:

As lideranças indígenas distinguem a educação indígena da educação escolar: a educação indígena é responsável pelas aquisições das tradições, costumes e saberes específicos das tribos, da etnia a qual os indivíduos pertencem; já a educação escolar completa os conhecimentos tradicionais e garante o acesso aos códigos escolares. Além disso, a formação do indivíduo da cidadania, a capacidade de reformulação de estratégia de resistência, a promoção de suas culturas e a apropriação das estruturas da sociedade de novos conhecimentos. (GONÇALVES & MELLO, 2009⁵).

⁵ Telêmaco Borba, 2009. Disponível em <<http://estagiocewk.pbworks.com/f/emily+e+fernanda.pdf>>, acesso em 02/02/2016.

Na citação acima, percebemos a distinção entre Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. Os autores deixam claro que a *educação indígena é responsável pelas aquisições das tradições, costumes e saberes tradicionais da aldeia*, e que a *educação escolar aperfeiçoa os conhecimentos tradicionais e garante o acesso aos códigos escolares*.

Para a professora Ivonês Bernardo.

A educação indígena também trabalha estas etapas, uma das maneiras é através da oralidade, contação de histórias, músicas cantadas antigamente para as crianças e o autovalor, com esses ensinamentos a criança vai se autovalorizar. É onde a criança desenvolve uma imagem positiva de si, atuando sempre de forma competente. (IVONÊS BERNARDO, 02/02/2016)

Para a docente acima citada, a criança atravessa cada estágio de desenvolvimento seguindo uma sequência regular, ou seja, na medida em que a criança cresce, ela se desenvolve de acordo com o meio em que vive e com os estímulos por ela recebidos. Para a professora, a criança passa por vários estágios de desenvolvimento nos quais aprende e desenvolve vários estímulos. Percebemos que a professora indígena tem o mesmo pensamento de Piaget e Wallon, ao entender que criança desenvolve seus conhecimentos através de estágios. Tanto Piaget como Wallon discorreram sobre o assunto. Na teoria de Piaget, os estágios se dividem em 03 etapas que são eles: sensório motor, pré-operatório e o operatório. Já para Wallon o desenvolvimento se dá em estágios, só que na sua teoria o indivíduo pode continuar em dois estágios, ou seja, um estágio encontra-se dentro do outro, esses estágios propostos por Wallon são: impulsivo emocional, o sensório motor, o personalismo, o categorial e, por último, a adolescência. Para a professora indígena Daniele Barroso as crianças sempre estão em desenvolvimento, dependendo de fases e de seu próprio desenvolvimento.

Desde pequeno as crianças aprendem muitas coisas sobre a sua cultura e tradição. Mesmo que seja oralmente repassando por seus familiares. Com o tempo eles ampliam seus conhecimentos na sala de aula com 06 anos de idade de forma teórica e prática. (DANIELA BARROSO, 04/02/2016).

Para a educadora Daniela, as crianças têm seus primeiros contatos com a educação escolar ainda na fase da infância. Seus primeiros aprendizados são com a família, e por volta dos seis (06) anos de idade começam a frequentar a escola para adquirir mais conhecimentos.

Percebemos então que, tanto os educadores indígenas como também as lideranças da aldeia, tem um olhar de como ocorre o desenvolvimento do conhecimento da criança, que coadunam com os mesmos princípios abordados por Piaget, Wallon e Vygotsky.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou mostrar as concepções relacionadas ao desenvolvimento do conhecimento das crianças Kanindé, analisando as teorias que abordam o desenvolvimento das crianças e relacioná-las com os pensamentos dos kanindé em relação à temática. Através da história dos índios Kanindé e com base nos relatos dos entrevistados e das referências bibliográficas, pudemos perceber a importância do ensino indígena para o desenvolvimento da criança kanindé.

A partir do aporte teórico de Gomes (2012), Santos (2013), Minayo (2014) entre outras fundamentações teóricas, discutimos a importância do ensino indígena para a formação dos alunos e da comunidade, bem como para a construção do processo do conhecimento em sala de aula, de forma individual ou com a família e comunidade.

Contudo, o processo do ensino indígena com base para o desenvolvimento da criança kanindé é de grande importância e não se conclui nessa pesquisa, mas nos direciona para pesquisas futuras por acreditarmos no mérito do ensino indígena para desenvolvimento da criança kanindé.

É verídico que a personalidade da criança é única e sua construção se dá nos primeiros anos de vida. A base deste desenvolvimento dará estruturação à infância, adolescência, juventude e vida adulta. Por este motivo, é tão importante o cuidado das crianças em seu desenvolvimento emocional saudável. Portanto, é preciso que a criança interaja com o ambiente social para que tenha uma visão de mundo mais ampla, sem que seja desconsiderado o conhecimento que a criança já traz para escola.

Com os dados coletados das pesquisas realizadas com os guardiões da memória Kanindé, professores, e nas leituras realizadas, findamos que o desenvolvimento da criança kanindé se dá através da interação social, isto é, no meio cultural, tanto na aldeia como também no convívio com a família e a escola, e que esses aprendizados e desenvolvimentos acontecem por etapas de

aprendizagem. O mesmo afirma Vygotsky, que também destaca a importância do meio cultural e das relações entre indivíduos no processo de desenvolvimento da pessoa, afirma também que criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que se estabelecem as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros.

Esperamos que este trabalho sirva de subsídio para outros alunos e educadores que queiram realizar pesquisa sobre o desenvolvimento das crianças Kanindé ou mesmo para a produção de material didático para as escolas indígenas. Esta pesquisa nos ajudou muito a compreender o desenvolvimento e os comportamentos das crianças da aldeia. Sem dúvida este trabalho foi um aprendizado para nossa vida profissional e acadêmica.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, André Luís de Freitas. **Novo dicionário didático da língua portuguesa**. São Paulo: Didática Paulista, 2003.
- BASSO, Cíntia Maria. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores**. 2004. Disponível em: http://www.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm.
- BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Secretaria de Educação Básica. O governo Brasileiro e a Educação Escolar Indígena. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/gbee.pdf>. Acessado em: 12 nov. 2012.
- SOUSA, Rainer Gonçalves. **"Índios no Brasil"**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/indios-brasil.htm>>. Acesso em 24 de dezembro de 2015.
- FILHO, Carlos Studart. **Os aborígenes do Ceará** (parte 2). IN: Revista do Instituto Histórico do Ceará. Fortaleza: Editora do Instituto Histórico, 1963, p. 153-217.
- COUTINHO, Maria Tereza da Cunha. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. Belo Horizonte: 1992.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7.ed. Petrópolis, RJ :Vozes, 2000. (Col. Educação e conhecimento).
- GOMES, Alexandre Oliveira. A saga de Amanay, o Algodão, e dos índios da Porangaba. In: PALITOT, Estevão Martins (Org.). Na mata do sabiá. Contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/Imopec, 2009a, p. 155-185.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio**: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

GONÇALVES, Emily ; MELLO, Fernanda. **Educação Indígena**. Colégio Estadual Wolf Klabin, 2009.

GOURLART, Iris Barbosa. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MACEDO, Donald. **Alfabetização, Linguagem e Ideologia**. Educação e Sociedade, ano XXI, na 73. Dezembro 2000.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, Rita Gomes do. **Educação Escolar dos Índios**: Consensos e Dissensos no Projeto de Formação Docente Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé. Natal, 2006.

PIAGET, J. (1975). **A teoria de Piaget**. Em P. H. Mussen (Org.), Desenvolvimento cognitivo (Vol. 4, pp. 71- 115). São Paulo: EDU.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros**. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec, Editora da USP: FAPESP, 2002.

SANTOS, Catherine Furtado dos. **Casa Caiada**: Formação Humana e Musical em Práticas percussivas colaborativas, 2013.

VERISSIMO R. **Desenvolvimento psicossocial** (Erik Erikson). Porto: faculdade de medicina do porto, 2002.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Col. Psicologia e Pedagogia).

FONTES ORAIS

PEREIRA, Cicero, aldeia Sítio Fernandes, 64 anos, presidente da Associação Indígena Kanindé de Aratuba e liderança tradicional. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

GOMES, Zenilma, aldeia Sítio Fernandes, 61 anos, liderança tradicional. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

BERNARDO, Ivonês, aldeia Sítio Fernandes, professora indígena. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

BARROSO, Daniela, aldeia Sítio Fernandes, professora indígena. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

VIEIRA, Carliane, aldeia Sítio Fernandes, professora indígena. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

SANTOS, José Constantino, aldeia Sítio Fernandes, liderança tradicional. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

PEREIRA, José Maria, Cacique Sotero, aldeia Sítio Fernandes, cacique Kanindé. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

SANTOS, Tereza, aldeia Sítio Fernandes, 61 anos, liderança tradicional. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.

CONSTANTINO, José, aldeia Sítio Fernandes, liderança tradicional. Entrevista concedida a Antônio Nilton Gomes em 2016 na aldeia Fernandes.